

## Produtores de vinho vão ganhar com quebra nas colheitas

Pág. 16

**António Freitas de Sousa**

afsousa@economicasgps.com

As empresas produtoras de vinho estão satisfeitas com a quebra da produção prevista para este ano, e que deverá rondar os 20% a 23%. É que, depois de cinco anos com produções em crescimento contínuo desde 1999, a quebra prevista para este ano dará margem a um crescimento dos preços no comércio - quer no grosso que no retalho.

A produção nacional de vinho para o ano 2005/06 não deverá ir além dos 5,76 milhões de hectolitros, segundo dados ontem divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE). Este valor vem juntar-se à previsão do Instituto da Vinha e do Vinho (IVV), que apontava para os seis milhões de hectolitros, o que quer dizer que a produção deste ano ficará entre os 23% e os 20% menos que os 7,48 milhões atingidos no final das vindimas do ano passado.

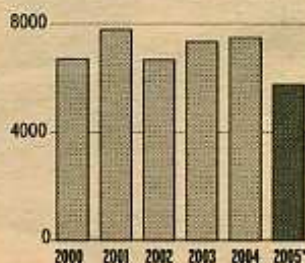
Para Casimiro Gomes, presidente da Dão Sul - uma das empresas líderes daquela região demarcada e com interesses no Brasil - "a quebra da produção prevista para este ano vai permitir um reajustamento dos preços em alta", o que aliás já se vem registando ao nível dos preços praticados nos últimos meses. Sem margens para grandes crescimentos, "é possível



Reuters

**Quebra na produção** no sector do vinho permite também escoar 'stocks' de anos anteriores.

### PRODUÇÃO DE VINHO NOS ÚLTIMOS SEIS ANOS



Valores de produção em mil hectolitros  
\*dado previsual Fontes: IVV e INE

que haja ajustamentos entre os 5% e os 10%".

De fora fica o mercado das exportações, disse ainda Casimiro Gomes, para quem "os países terceiros não gostam de ajustamentos de ano para ano". Desse

modo, será o mercado doméstico a permitir um aumento previsível dos volumes de negócios no final do exercício de 2005.

Do mesmo modo, António Saraiva - presidente da SPR Vinhos, a única empresa com interesses no Douro de capitais de origem francesa - adiantou ao DE que "a produção da empresa deverá ficar cerca de 10% abaixo do registado no ano passado", o que permitirá não apenas "o escoamento de 'stocks'" em carteira há alguns anos, como proceder a um aumento dos preços praticados.

Rogério Silva, presidente da Solouro - e que chegou a ser accionista maioritário da Calém - queixa-

va-se também da impossibilidade de escoar 'stocks' que se regista há vários anos e da pressão da oferta, nomeadamente numa altura em que a procura interna de vinho regista quebras consolidadas. O que determina que qualquer reajustamento em alta no comércio não poderá ser "muito significativo". Como recorda Casimiro Gomes, "com o consumo no estado em que está, não há margem para grandes crescimentos".

Longe da satisfação das empresas está o lado da viticultura. É que os preços na compra das uvas não sofrem aumentos há anos, "nem sofreu este ano", segundo Casimiro Gomes.